

“Uma viagem multicultural através do basquetebol”

E. E. Heidi Alves Lazzarini

Prof. Miguel Feth Júnior

Na E. E. Heidi Alves Lazzarini, somos dois professores efetivos que já estamos há cinco anos na escola. No ano de 2008, após uma reunião para a discussão sobre o planejamento da Educação Física, percebi que os conteúdos e a forma de como as nossas aulas eram conduzidas, até então, se repetiam invariavelmente. Isso estava gerando desinteresse e até uma certa dose de previsibilidade do nosso componente curricular para com os alunos e toda a comunidade escolar (direção, pais, coordenação). Essa falta de criatividade acarretou numa certa desvalorização da Educação Física. Eram bem comuns as seguintes colocações com relação ao componente: “Ah! Na Educação Física, os alunos só brincam!”, “A Educação Física só serve pra cansar os alunos e eles voltarem para a classe menos agitados.”, “Ainda bem q hoje o professor de “Física” não faltou, terei uma aula vaga.”, “Oi professor!! Ainda bem que teremos “Física” hoje; eu trouxe minha bola de futebol”, entre outras.

A escola está localizada na periferia da zona sul da cidade de São Paulo, mais precisamente no bairro do parque santo Antonio sob a responsabilidade da diretoria de ensino SUL-2, nossa escola tem 31 classes do Ensino Fundamental I e mais uma classe de Correção de fluxo (PIC ou Aceleração)¹, funciona em dois períodos e somos dois professores de Educação Física.

O projeto foi desenvolvido com uma turma de Aceleração, que contava com 25 alunos com idades entre 12 e 15 anos de idade.

A escolha dessa turma para realizar esse projeto foi diretamente ao encontro da visão multicultural na formação de uma cultura corporal, sob a perspectiva da pedagogia crítica (pós-moderna), porque as turmas de “aceleração” tradicionalmente, na escola, sempre levaram a fama de problemáticas; não só pelo fato de contar com alunos com dificuldade em aprendizagem e por isso discriminada pela maioria da comunidade escolar, mas também pelo fato dos alunos já estarem entrando na adolescência em uma escola onde a maioria das turmas estão na infância .

O projeto sobre o basquetebol surgiu por uma reivindicação dos alunos, porque a outra professora de Educação Física estava trabalhando o basquetebol com as outras

¹ Turma com alunos que não alcançaram o nível mínimo de aprendizagem, ao final dos quatro anos do Ensino Fundamental I.

turmas da quarta série. Nesse primeiro momento, como vocês poderão ler no relato, senti o poder de um currículo onde a maioria das pessoas o veem como uma diretriz única, ou seja, um caminho sem desvios, onde quem tenta trilhar algo diferente dele será discriminado e colocado à margem, dando a impressão de que aqueles que estão seguindo uma rota alternativa não são competentes o bastante para seguir a trilha dita "normal", ou ainda na linguagem da educação, o caminho regular.

Após a reunião sobre o planejamento, propus a outra colega da Educação Física que mudássemos o olhar da nossa disciplina sobre os alunos e também sobre o modo de como conduzíamos as aulas. O costumeiro currículo esportivizado, ou de brincadeiras tradicionais (pega-pega, pular corda, jogar bola, etc.) para as séries iniciais (1ª. E 2ª. Séries) fazia com que a visão de todos os atores da Escola (direção,pais,alunos) olhassem para a Educação Física apenas como a hora de brincar dos alunos, onde pouco ou nenhum conhecimento era produzido durante essas práticas já tão conhecidas de todos.

Disse à colega de Educação Física que não seria simples, teríamos que nos preparar e lermos muito alguns artigos dos principais autores tanto da cultura corporal, como os autores que tratam dos Estudos Culturais. Esse novo modo (para nós) das aulas que iríamos começar neste ano causaria insegurança, pois quando se mexe num quadro que se repete por anos e anos qualquer mudança gera um certo ar de incerteza. Mas eu confiava nas leituras que havia feito durante as férias e estava ansioso, de novo, para a volta às aulas. Confesso que antes desse desafio, após 14 anos de experiencia na rede pública estadual de ensino, me encontrava desmotivado em relação às aulas, e essa desmotivação fazia com que eu rendesse cada vez menos; enfim, havia deixado de lado aquele professor entusiasmado e criativo dos primeiros anos, e estava me transformando em um profissional “padrão”(dava as aulas e pronto) que tanto criticava quando ingressei no ensino público.

Como primeira atividade, fiz o mapeamento das práticas corporais dos alunos através de rodas de conversa e também com um questionário que a turma anotou no caderno, onde os pais também deveriam responder algumas questões sobre as experiências que eles tiveram na escola com a Educação Física, e se em casa eles também praticavam ou tinham o costume de vivências corporais e se conversavam sobre isso com os filhos. Após a devolução e correção com os alunos, listei na lousa todas as práticas corporais que estavam presentes nos questionários, lemos e separamos em categorias: Esportes, Ginástica e Brincadeiras. As primeiras discussões acaloradas

entre os alunos, surgiram em torno das práticas corporais que eram consideradas esporte e brincadeiras. As discussões neste ponto foram bem curtas, porque eles estavam decididos a vivenciarem algum esporte, porque nos quatro anos que eles estavam na escola pouquíssimas vezes tiveram chances de praticar algum esporte. Feito isso partimos para a escolha do esporte a ser vivenciado a partir daquele instante. No primeiro momento o futebol foi eleito pela turma para ser vivenciado.

Na aula seguinte, após me preparar para começar a caminhada com o projeto sobre o futebol, a aluna Tainá² me perguntou: *Professor, podemos jogar basquete?* Mal comecei o projeto e já fui pego de surpresa, esse foi meu primeiro pensamento, após uma pausa para respirar respondi que sim, poderíamos jogar basquete. Essa resposta positiva de minha parte aconteceu em função da necessidade de respeitar a opinião dos alunos e porque aquela seria a aula inicial do projeto sobre o futebol e não custaria nada começarmos o projeto com outro esporte. Mas antes de começar o basquete perguntei o porque da mudança, a Tainá respondeu: *É que nós vimos a professora das outras quartas séries dando basquete e nós queremos jogar também.*

Percebi que essa mudança de opinião da turma se deu basicamente pelo desejo deles em serem tratados como iguais, isto é, sem diferenciação em relação aos outras turmas regulares da Escola. É lógico que não mencionei esse fato à turma, mas estava claro nas expressões faciais dos alunos a ansiedade, primeiro de serem ouvidos e segundo da oportunidade que estava sendo dada a eles de serem co-responsáveis no processo de aprendizagem que acontece na Escola.

Resolvida a questão sobre o esporte, parti para o início efetivo do projeto, que agora versaria sobre o basquetebol. Como primeiro passo perguntei aos alunos o que eles sabiam sobre a modalidade? Com esse questionamento pretendia trazer à tona os conhecimentos da turma sobre o esporte, conhecimentos esses hegemônicos; para que no momento seguinte do projeto pudesse desconstruir a modalidade através da própria vivência prática da turma, pois a minha intenção era mostrar a eles que o basquetebol que eles viam na TV e o que a turma apresentaria na prática seria bem diferente.

Foi um silêncio total, mesmo após eu insistir e dizer que eles poderiam falar qualquer coisa, que naquele momento não existiam respostas certas ou erradas; o silêncio persistiu. Nesse instante é que vi o poder de ficar 4 anos sentados nas carteiras escutando tudo de boca bem fechada; a insegurança de responder alguma coisa

² Todos os nomes dos alunos citados aqui são fictícios.

“errada”, o medo de ser ridicularizado pelo professor e o principal, o costume de não ter voz dentro da escola, taí a marca de um discurso dominante, onde o consenso é de que os alunos não tem capacidade de serem sujeitos atuantes no processo educacional que acontece na Escola; somente os professores são os detentores dos saberes que devem serem válidos e transmitidos pela Escola e essa experiência do Silêncio da turma é uma marca indelével de toda repressão sofrida durante a primeira etapa do Ensino Fundamental I, e essa é uma característica marcante que eu sempre observei em todos esses anos atuando nessa primeira fase do ensino formal dos alunos. Confesso que fiquei muito preocupado com todo esse silêncio, pois era fundamental ter a voz dos alunos para o andamento do projeto. Em “desespero” de causa pedi que realizássemos uma pesquisa sobre o histórico da modalidade. Depois de partimos para a pesquisa é que me deparei com mais uma barreira, onde é que iríamos encaixar essa pesquisa dentro do projeto? Senti que estava caminhando sem rumo, porque o que me incomodava bastante era o silêncio dos alunos. Feita a pesquisa tentei conversar com a turma sobre o que eles haviam encontrado de curioso, ou algo que despertou o interesse sobre o basquete. A resposta? Silêncio novamente. Por mais que eu tentasse argumentar de que era a hora deles dialogarem sobre o projeto, não adiantou; nesse segundo episódio pude perceber também que a turma esperava que todo o conhecimento e diretrizes do projeto partissem do professor, pois estavam acostumados a receber todas as informações prontas. Esses alunos não eram incentivados a discutirem ou argumentarem os conhecimentos que partem do professor, ou melhor, estavam habituados a aceitar tudo o que é dito e indo ainda mais fundo, aprenderam a tomar a voz docente como verdade absoluta.

Após pensar sobre a falta de iniciativa da turma diante da proposta, resolvi mudar de estratégia, iria partir da vivência prática para que ela gerasse ao menos uma conversa sobre a prática. Então disse à turma que os dividiria em cinco grupos para vivenciarmos o basquete na quadra, e que durante a aula cada grupo teria uma função distinta, isto é, enquanto dois grupos jogavam o basquete os alunos que faziam parte dos outros três grupos anotariam no caderno suas impressões sobre os jogos para conversarmos sobre os fatos acontecidos na quadra logo nas próximas aulas. Quase não interfeiri nos jogos, deixei eles acontecerem apenas filmei essa primeira vivencia, com a intenção de ilustrar a conversa que teríamos na aula seguinte, pontuar alguns fatos ocorridos durante os jogos e que a discussão sobre a vivência com o registro dela em vídeo não dessem margem à dúvidas, pois com o vídeo as discussões iriam ser mais

ricas porque não contariam apenas com a lembrança de cada um dos alunos, além desse vídeo servir como base para uma comparação entre o que eles imaginavam sobre o jogo e o que a turma apresentou quando vivenciou o jogo na prática.

Na continuidade das atividades de ensino, levei a turma para a sala de vídeo da Escola e num primeiro momento pedi que eles apenas assistissem aos jogos. É claro que foi uma festa, risos, gritos, aplausos etc. Após esse primeiro contato com o vídeo, pedi que observassem que nos quatro jogos que aconteceram durante essa primeira vivência, cada um tinha uma regra diferente; além de solicitar que a turma escrevesse suas impressões sobre os jogos ocorridos, as regras combinadas entre os grupos e também sobre o fato de se verem jogando na TV.

Pronto, acabou o silêncio! Fiquei aliviado que a estratégia de partir da vivência dos alunos deu certo; pois a partir daí as discussões começaram a acontecer durante às aulas, além da desconstrução efetiva do basquetebol, porque a partir desse momento começou a construção de um novo jogo: “O Basquetebol da 4ª I”.

Na aula seguinte, relembremos o que tínhamos visto no vídeo, e pedi que alguns alunos lessem as anotações que eles haviam feito durante a vivência, e depois as anotações feitas durante a exibição do vídeo. Pedi que a turma comparasse os relatos feitos, para que eles notassem a diferença dos textos feitos em dois momentos distintos.

Após as conversas sobre a vivência dei a sugestão para que a turma discutisse um pouco melhor a questão das regras do basquetebol que era praticado por eles; após essa conversa anotei na lousa as sugestões sobre o que deveria valer ou não durante os jogos e eles elegeram as regras do basquetebol da 4ª I. Toda a turma anotou as regras no caderno e a partir daquele momento elas é que iriam reger os jogos durante as vivências. Essas regras foram a marca de identidade da turma, porque como as construímos em conjunto, os alunos se identificaram plenamente com o jogo, apesar de ser uma modalidade esportiva estabelecida, o basquete que eles estavam vivenciando na prática era um jogo feito por eles. Além das regras resolvemos definir que durante os jogos todos os alunos teriam uma função definida, dois grupos jogavam, um grupo era responsável pela aplicação das regras, outro grupo pela fiscalização das regras, outro grupo anotava suas impressões sobre os colegas e outro se responsabilizaria pelo tempo e placar. Durante as aulas os grupos se revezavam nessas funções.

Depois de várias aulas de prática reuni a turma para que assistirmos às duas gravações, dos primeiros jogos realizados e das vivências feitas depois da construção das regras. Para essa aula especificamente preparei um roteiro mimeografado, para que

cada aluno pudesse anotar alguns pontos a serem observados nos jogos, por exemplo: Todos jogavam do mesmo jeito? Os grupos que eram encarregados da fiscalização e a aplicação das regras estavam sendo eficientes? Qual o seu sentimento em relação a sua participação nos jogos?

Fiquei feliz com o resultado dessa aula, porque notei que estavam começando a compreender e saber observar melhor as participações nas vivências. Os posicionamentos emitidos, confirmaram minhas suspeitas:

Puxa professor, quanta diferença! (Bruno)

Nossa nem pensei que pudesse participar de um jogo assim (Sara)

É legal! Pareço até um profissional! (Simeone)

Tô gostando muito do basquete! Onde é que eu posso jogar, professor? (Edirlei).

O questionamento levantado pelo Edirlei nos levou a um novo mapeamento, onde pedi aos alunos que pesquisassem onde eles poderiam jogar basquete na nossa região. Os resultados não foram muito animadores para a turma porque eles constataram que não existem muitas opções além de um clube particular (AABB)³ e um Centro Esportivo municipal localizado no bairro de Santo Amaro (C. E. Joerg Bruder) que, apesar de ser gratuito, o gasto com o transporte impede que os alunos possam freqüentá-lo. Esse segundo mapeamento me ajudou a levar a turma a começar a perceber a realidade social que a cerca, pois o discurso presente na escola é o de que todos somos iguais e que devemos aceitar e nos enquadrar às condições em que vivemos, sem contestar ou tentar superar as forças que nos oprimem àquelas condições. Ao término desse mapeamento em relação aos locais em que a turma poderia praticar o basquetebol houve um início, por parte da turma, do pensamento sobre a realidade que eles vivem na periferia de uma grande cidade, onde as oportunidades, principalmente em relação ao esporte, não são as mesmas de uma pessoa que vive em uma realidade financeira superior. Conversamos sobre a pesquisa feita e discutimos se existiam alternativas para a prática do basquetebol que não fosse no interior da escola. Como resposta, o Elias afirmou:

Na minha rua tem uma quadra e todo fim de semana alguns caras se reúnem para brincar de basquete com música.

³

Associação Atlética do Banco do Brasil, clube particular.

Perguntei-lhe se conhecia alguns deles e pedi que alguém desse grupo pudesse vir até a escola para conversar comigo. Percebi aí uma grande chance de poder ampliar o projeto, pois sabia que o aluno Elias estava falando sobre o *streetball*⁴. Perguntei ao Elias se ele conhecia algum garoto do grupo, e se possível o convidasse para vir a Escola para conversar comigo. Na semana seguinte recebi a visita do Paulo, que faz parte do grupo de *streetball*. Conversamos, expliquei o projeto que estávamos realizando e o meu interesse em realizar um evento na Escola onde o grupo dele participasse de um evento onde o tema seria o *streetball*. Realização de oficinas com toda a comunidade escolar, além de uma apresentação do grupo. Ele me disse tudo bem, que a proposta era legal, mas ela teria que acontecer durante um final de semana, pois os garotos do grupo trabalhavam. Como em nossa Escola acontece o Programa Escola da Família⁵ foi simples organizar o evento de *streetball*. A diretora da nossa escola já estava a par do projeto que desenvolvíamos, então só me restava organizar um cronograma de atividades que seriam realizadas durante o evento, que seria aberto a toda comunidade.

No sábado combinado foram realizadas oficinas com as crianças do bairro, onde os componentes do grupo de *streetball* ensinavam truques com a bola de basquete, organizavam jogos com as pessoas da comunidade que estavam assistindo e acabaram participando do evento. A turma da 4ª I ficou responsável pela organização (formar grupos) das crianças que queriam participar do evento, além deles mesmos participarem das oficinas dadas pelos garotos do grupo de *streetball*. Durante o evento houve uma agradável surpresa, que foi a participação de um grupo feminino de *streetball*, que existe na nossa região. Para finalizar o evento houve um jogo entre dois grupos de *streetball* existentes no nosso bairro, além da presença de um DJ, elemento fundamental nos jogos.

Na aula após o evento, conversamos sobre o que havíamos realizado na Escola, e a opinião geral da turma era a de que eles nunca haviam imaginado em serem capazes de participar e de ajudar a organizar *uma coisa dessas* (Maurício).

Notei que mesmo que a minha primeira intenção era de apenas ampliar o projeto sobre o basquetebol, fui mais além porque vi que a turma pela primeira vez pode se sentir importante toda comunidade Escolar, e isso só percebi um tempo depois, onde

⁴ Modalidade de basquete diferenciada, pois as regras de pontuação não são as mesmas do basquete tradicional, além da dança e da música que são obrigatórias durante o jogo.

⁵ Programa do Governo do Estado de São Paulo, onde algumas escolas ficam abertas durante os finais de semana para a realização de atividades para a comunidade.

percebi que a auto-estima dos alunos estava em alta. Fiquei feliz, pois aqueles que antes eram discriminados estavam realizando e fazendo parte de algo onde eles se sentiam importantes. A realização do evento contribuiu muito para a ampliação dos conhecimentos dos alunos, não só na prática, mas também na amostra que eles tiveram do que é organizar um evento, os problemas, o planejamento e principalmente a percepção de que eles são capazes de se superarem.

Mas uma colocação em especial nos levou a uma nova discussão com a turma: a aluna Talina disse: *Professor, foi mais show do que basquete, né?* A Talina estava se referindo aos jogos de *streetball*. A partir dessa pergunta mostrei a eles um vídeo de um jogo da NBA e o roteiro de observação do jogo contava com apenas uma pergunta : qual era a diferença entre o que eles vivenciaram na escola com o *streetball*, e o jogo da NBA que eles estavam assistindo.

Na preparação dessa aula, além da pergunta, a edição do jogo foi fundamental, pois mostrei a eles um pouco do que acontecia num jogo profissional de basquete, antes da partida, nos intervalos além do jogo é claro.

Quero lembrar aos leitores que todas as aulas que envolveram o vídeo, além da preparação de um roteiro prévio para a observação dos alunos, os vídeos sempre eram no máximo de 10 minutos de duração, por experiência própria, mais que isso as crianças já ficam agitadas e sem a concentração necessária para a tarefa.

Bom voltando ao desenvolvimento do projeto, após o vídeo da NBA perguntei qual era a diferença entre o que eles vivenciaram na escola e o que eles tinham acabado de assistir na aula. É claro que os alunos no início falaram de tudo, ginásio, os jogadores, o público, etc. Mas os provoquei pedindo que eles também vissem as semelhanças. O aluno Michael percebeu e disse que o basquete profissional também é um show; mas que só os profissionais tem acesso. Essa colocação foi o gancho para que lhes perguntasse se o basquete poderia ser praticado por todos e os recordei do mapeamento feito sobre os lugares onde eles poderiam praticar o esporte.

Eu acho que para nós é mais fácil jogar o street do que o basquete. (Allan)

Todos concordaram. Pedi que eles retomassem a pesquisa histórica que havíamos feito no início do projeto para que os alunos vissem de onde a modalidade tinha nascido na ACM ⁶ desde aqueles tempos o basquete não era para todos.

Mas professor, ninguém pode impedir que joguemos basquete. (Wallace)

⁶

Associação Cristã de Moços – Entidade Particular

Todos concordaram com a fala do Wallace. Então propus à turma que fizessem um pequeno texto coletivo, que ficou assim:

Nós da 4ª.I vivenciamos o basquetebol, conhecemos o streetball, vimos que o basquete que aparece na TV não é para todos, mas que nada pode nos impedir de praticar a modalidade, pois o streetball pode ser jogado em qualquer lugar, como o futebol de rua.

O projeto continuou, desta vez, com o trabalho sobre a música da apresentação de *streetball*, onde eles se identificaram e começamos a caminhar pela cultura RAP, pelo HIP-HOP, pelas danças e movimentos dessa manifestação cultural tão marcantes na comunidade.

Minhas impressões finais sobre o Projeto Basquetebol foram as melhores possíveis. Consegui conduzir a turma a lugares que nunca tinha imaginado: a organização e o envolvimento dos alunos para a realização do evento com o *streetball*, a percepção dos alunos em sujeitos responsáveis e participantes pela produção de conhecimento e aprendizagem na escola, a tomada de consciência por parte da turma de que não devem permanecer passivos durante sua permanência na escola e, sim, posicionarem-se como sujeitos conscientes da realidade vivida. O entusiasmo dos estudantes tornou-se meu também. Acreditar e poder realizar o que parecia impossível foi algo bastante gratificante para todos que passaram pelo processo. Destaco, ainda, o fato da turma ter passado a refletir sobre sua própria condição social. Tenho a certeza de que é o primeiro passo para a formação de um cidadão comprometido com a mudança.

Importante, também, foi o apoio incondicional da professora responsável pela turma, assim como da direção e coordenação da escola. Em todos os momentos, essa equipe mostrou-se disponível e colaboradora. Terminei dizendo que esse projeto foi o pontapé inicial de uma nova fase na minha vida profissional, onde me senti valorizado e novamente entusiasmado com a carreira e a responsabilidade de educar.